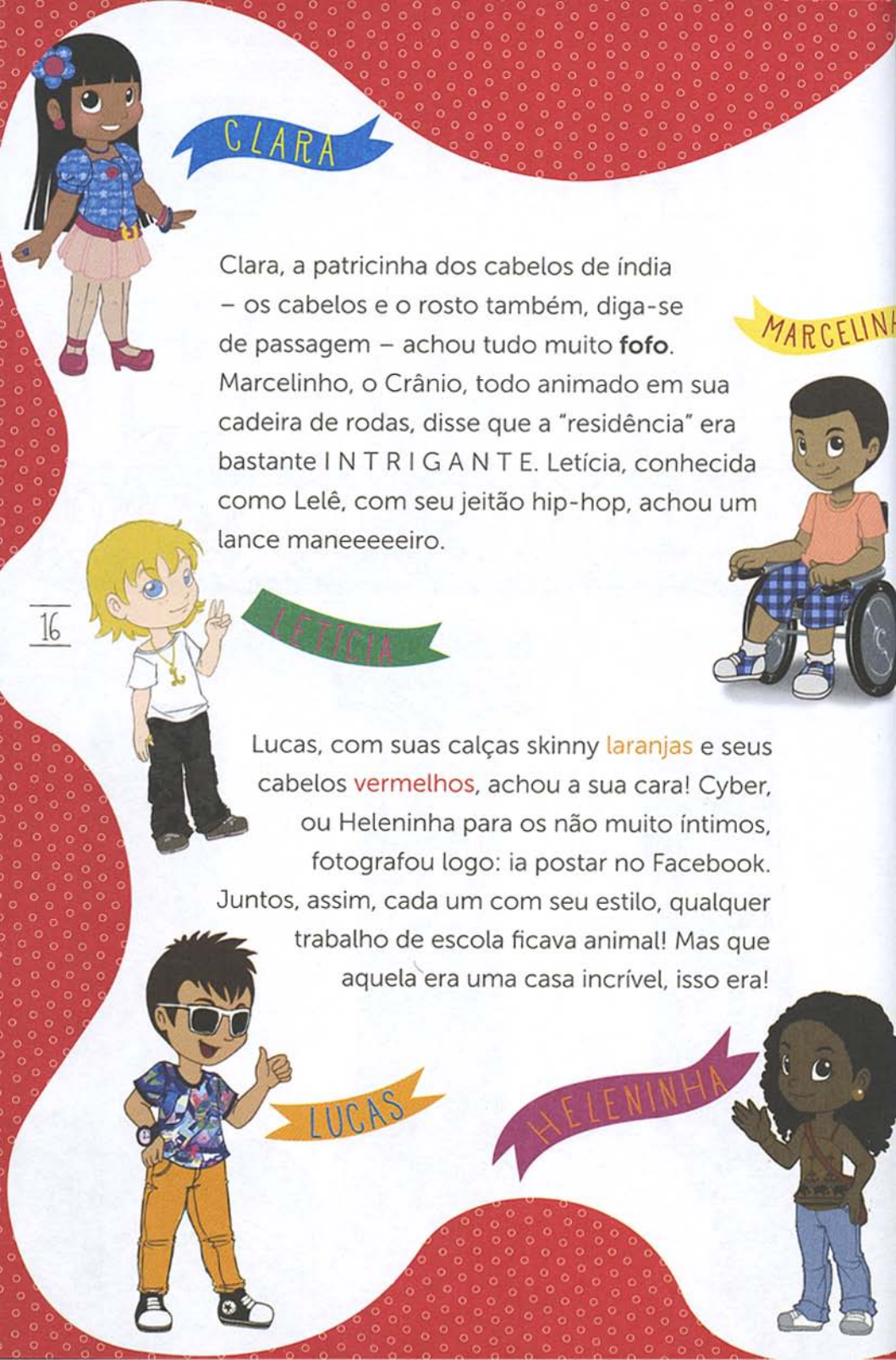
O COLECIONADOR E O CRISTAL DO PENSAMENTO

por

Alec Saramago

Na hora marcada, estavam todos em frente ao sobrado amarelo-gema de janelas vermelho-rubi, na rua das Lunetas Azuis, sem número. Fazia uma tarde bonita e o sol forte reforçava o tom das paredes, deixando o sobrado quase dourado. *Quem pintaria uma casa daquela cor?* Perguntaram-se em voz alta. Parecia coisa de gente excêntrica, do tipo doidona. A resposta real estava ali na porta mesmo, escrita em letras grandes, numa placa de madeira: O COLECIONADOR.

COLECIONADOR



Clara, a patricinha dos cabelos de índia – os cabelos e o rosto também, diga-se de passagem – achou tudo muito **fofo**. Marcelinho, o Crânio, todo animado em sua cadeira de rodas, disse que a "residência" era bastante I N T R I G A N T E. Letícia, conhecida como Lelê, com seu jeitão hip-hop, achou um lance maneeeeeiro.

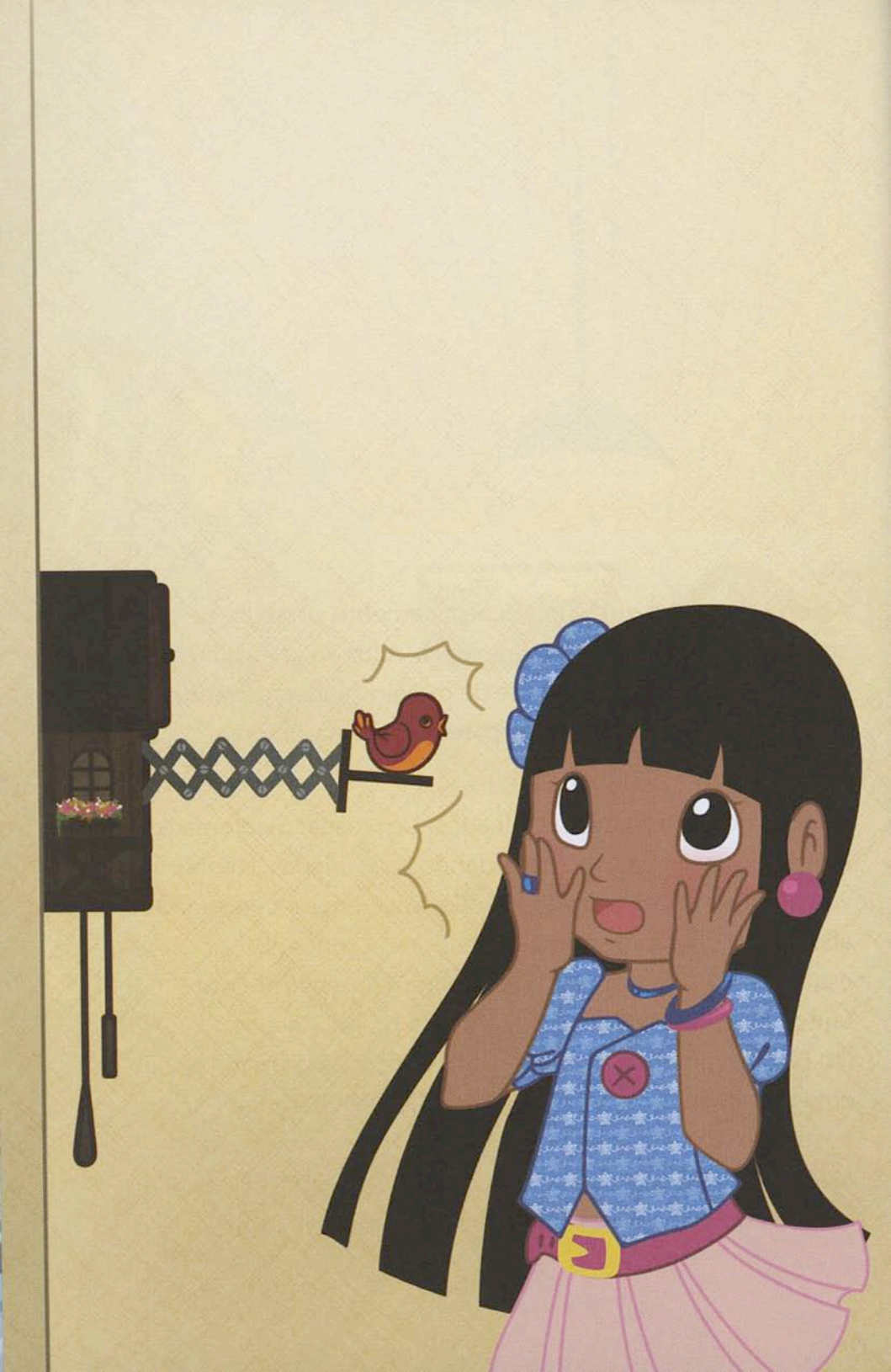
Lucas, com suas calças skinny laranjas e seus cabelos vermelhos, achou a sua cara! Cyber, ou Heleninha para os não muito íntimos, fotografou logo: ia postar no Facebook. Juntos, assim, cada um com seu estilo, qualquer trabalho de escola ficava animal! Mas que aquela era uma casa incrível, isso era!

Patrimônio, museu, identidade cultural, pareceu-lhes um troço muito chato para se pesquisar; mas, de repente, em frente àquela construção colorida, tiveram uma sensação de que não seria assim tão mal. A professora havia pedido para iniciarem o trabalho conhecendo um colecionador da cidade e ela mesma lhes passou uma lista de alguns dos seus amigos. Escolheram o cara da rua das Lunetas Azuis, pois um colecionador morador de uma rua com este nome, até parecia coisa de cinema!

Tocaram a campainha. Hahahahaha! Uma risada estridente estourou no lugar de um blim blaum simplificado, deixando eles entre risonhos e assustados. Será que o dono do lugar era maluco? Certamente aquela não seria uma tarde comum.

A porta vermelho-rubi rangeu pesadamente, abrindo-se sozinha, como num passe de mágica. A luz solar invadiu a sala, revelando uma infinidade de relógios tiquetaqueando centenas de horas sem parar, parecendo uma sinfonia desencontrada.

Os meninos entraram desconfiados. Um macaco chimpanzé empalhado parecia sorrir-lhes dando boas-vindas. Nenhuma viva alma apareceu a fim de atendê-los. Como a curiosidade adolescente sempre supera o medo, num segundo, esqueceram a desconfiança, ao ficarem fascinados com tantos relógios marcando o tempo do mundo inteiro.
No Brasil, eram duas da tarde; no Japão, duas da madrugada; em Paris, apenas cinco horas a mais que no Brasil; na Austrália, treze horas bem na frente da hora brasileira; no Alasca, um relógio marcava cinco horas a menos! Os fusos horários do planeta Terra deixaram eles maravilhados!



De repente, um cuco na parede dos cucos cantou em alemão com voz estridente: **Zwei Uhr Nachmittags!**
Zwei Uhr Nachmittags! Avisando direitinho o horário certo naquela sala, hora do Brasil, mas em alemão! Clara, a indiazinha patricinha, deu um berro assustador! Ela nunca tinha visto sequer um relógio cuco, quanto mais um que falasse as horas em alemão! Os outros gritaram em seguida, muito mais pelo susto da amiga do que pelo cantar do pássaro. Ficaram imóveis, de olhos arregalados.

No mesmo instante, o macaco chimpanzé sorridente se moveu. Nova leva de gritos e berros de horror estrondaram a casa inteira. *O macaco empalhado se mexeu! O macaco empalhado se mexeu!* Gritavam todos. Mas o caso é que nem era macaco morto não, era macaco vivo mesmo, fingindo de estátua. O bicho, fazendo pantomimas, parecendo rir do susto alheio, ergueu uma plaqueta onde podia se ler: CALMA! O COLECIONADOR JÁ VEM. Depois, ficou por ali brincando com os novos amigos.

A silhueta de um homem alto e magro surgiu contra a luz, de cabelos bagunçados, barba longa, roupão grená. Parecia um mago cientista! Os visitantes congelaram. O macaco se atirou nos braços dele. – Espero que tenham gostado das boas-vindas. Adoro receber meus jovens visitantes com um toque de mistério. Tudo fica mais interessante! Agora, vocês irão fazer uma viagem inesquecível. Nostradamus tratou vocês bem?

Os meninos fizeram que sim com a cabeça, ainda mudos por tantas surpresas. Tudo ali já estava sendo uma viagem inesquecível.

O homem magro de modos engraçados lembrava um boneco de mamulengo, todo se mexendo. Ele explicou que naquela sala havia mais de seiscentos relógios de diferentes partes do planeta. Alguns até com mais de duzentos anos de idade.

Começou a colecionar coisas desde pequeno, fascinado com o trabalho do avô arqueólogo e da avó, funcionária de um museu. Contou que quem trabalha com museus se chama museólogo. Seu avô rodava o mundo procurando objetos de civilizações antigas e sua avó arrumava tudo no museu. Era fascinante! Os olhos da turma inteira brilharam.

Iniciou sua imensa coleção com um selinho aqui, outro ali. Depois foi juntando latinhas coloridas, figurinhas de jogadores de futebol, revistas de cães e gatos, conchinhas da praia e mil artefatos diferentes, se apaixonando depois pelas peças raras, até se tornar o maior multicolecionador do país! Colecionar é uma prática antiga dos homens, pois nos objetos pode se guardar lembranças da vida, sentimentos importantes, além de muita beleza. Marcelinho Crânio anotava tudo em seu caderninho para não deixar nada passar.

Republiek Suriname
ITALIA
BRASIL
Austr
भारत गणराज्य
España
Ελλάδα
中国人民共和国
El Salvador

Chegou a hora de percorrer os cômodos do sobrado. Eles estavam ansiosos. Espremiam-se juntinhos, ouvindo as palavras do Colecionador. O homem fazia aquilo tudo parecer algo muito incrível! E era mesmo incrível!

Cada um escolheu a sua coleção preferida ao longo do passeio. Clara amou as borboletas, sonhando acordada com a possibilidade de ter todas aquelas cores vibrantes em seu guarda-roupas. Lelê se amarrou nos discos de vinil, especialmente as pérolas dos músicos afrodescendentes os quais ela acha da hora. Crânio vibrou na sala de histórias em quadrinhos, vendo seus personagens favoritos, seus super-heróis mais amados. Lucas adorou os cartões postais, principalmente os mais românticos, com imagens do pôr do sol em vários pontos turísticos mundiais. Heleninha, a Cyber, ficou fascinada com a evolução da tecnologia – da caneta de pena, passando pela máquina de datilografar, até o computador atual. A casa parecia mesmo um mundo mágico e nisso fazia sentido dizer que o Colecionador era um verdadeiro mago, transportando-os por um universo variado de sentidos.

Antes daquela tarde, eles achavam que colecionar era só um passatempo sem valor, mas, a partir dali, perceberam a importância de guardar com cuidado as coisas mais diversas.

Ali havia objetos raros, como a revista número um do Super Samba, herói brasileiro, estimada em milhares de dólares no mercado internacional. Discos raros de *rock and roll*, procurados por fãs capazes de pagar qualquer preço a fim de obtê-los. Uma borboleta nunca antes catalogada, descoberta pelo Colecionador numa de suas viagens ao alto do Himalaia. Assim, a coleção possuía, além de valor sentimental, um valor real em dinheiro e importância científica! Algumas de suas peças foram até mesmo doadas a museus, por causa de sua relevância histórica!
O Colecionador falava isso muito orgulhoso de seu nobre trabalho.

Chegou a hora de subir as escadas e observar as salas no andar de cima – um problema para Marcelinho Crânio, não fosse a boa vontade do dono da casa, que deixou de lado o macaco Nostradamus para carregar o rapazinho em sua cadeira.

– Perdão, amiguinho. Se eu pudesse colocaria um elevador para visitantes especiais como você; mas o casarão é muito antigo. Vou te levar lá em cima com cuidado e com prazer!

Lelê, que sempre guia a cadeira de rodas de Crânio, carregando-o para cima e para baixo quando preciso, disse que não seria necessário. Mas o homem magrelo já havia colocado seu amigo nos braços. Restou a ela apenas levar a cadeira. Subiram a escadaria de madeira, cheios de curiosidade.

Paredes brancas, repletas de fotos antigas; fotografias de pessoas e lugares desconhecidos, em preto e branco, – a turma de amigos novamente foi tomada por um encantamento profundo. Quem era aquela gente posando para fotógrafos há tantos anos? Crianças com cachinhos dourados em pôneis num jardim. Dois meninos negros assentados na soleira de uma porta. Uma família imensa, com netinhos, avós, filhos, filhas, cachorros e dois gatos. O rosto tristonho de uma moça bonita. Os sorrisos marotos de três garotos sentados numa poltrona simples. Um padre ao lado

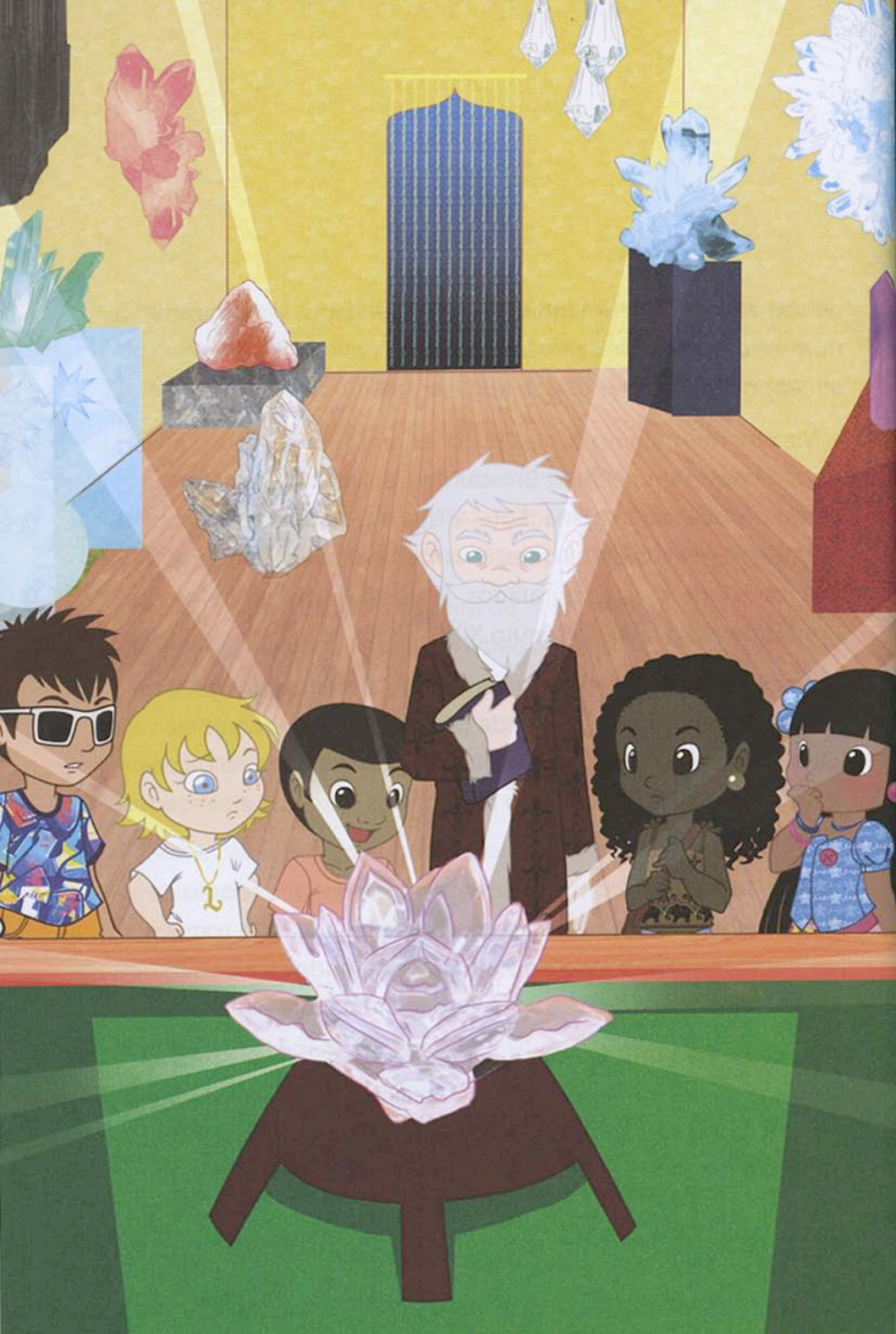
de seu cavalo com um índio de pé ao seu lado. Marinheiros num cais, alegres por aportar do navio – mil imagens atiçando o pensamento dos adolescentes.

– Viajem, mergulhem nestas histórias, entrem nas fotografias! Aqui o importante é criar! Brincar de passear no passado. Usem o poder da imaginação! – disse o Colecionador ao perceber em seus olhos questionamentos sobre a origem das fotos e de seus fotografados. – Nesta sala existem fotos tiradas desde o final do século XIX!

Marcelinho ficou um tempo admirando a foto de um general de casaco imponente, cheio de brasões e condecorações. De repente, se viu dentro da foto, ele mesmo como o oficial, estufando o peito, orgulhoso pelos feitos heroicos alcançados com bravura.

Lelê se identificou com a imagem amarelada pelo tempo de uma mulher sertaneja sentada numa pedra, trajando roupas de couro, tendo ao lado dois cachorros grandes e a paisagem de caatinga atrás. Parecia uma verdadeira cangaceira!

Clara, que não gostava de se parecer com índios, desprezou as fotos de seus antepassados, se apaixonando pela fotografia de um grupo de jovens ricas, de vestidos longos arrastando no chão, sentadas próximo a um belo roseiral. Enxergou-se



no meio delas, vestida do mesmo modo e suspirou baixinho. Como devia ser a vida daquelas moças?

Heleninha Cyber ficou ligada numa foto onde um senhor de bigodes longos posava ao lado de uma máquina a vapor cabulosa. As máquinas do passado eram demais, cheias de engrenagens e peças incríveis!

Lucas, sempre emotivo, chorou ao ver uma velhinha com seu netinho no colo, levando nos cabelos brancos uma flor grande. Lembrou-se de sua vovó que já havia falecido.

Outras imagens antigas lhes trouxeram sentimentos diferentes, lembranças, novas criatividades. Pareciam não querer mais sair dali, hipnotizados pelo poder daquela bela coleção de fotos.

A sala dos cristais foi a última parte da visita, com pedras coloridas, quartzos lapidados de variadas formas e minerais diversos. Da vidraça de uma janela, um raio de sol iluminava diretamente um belíssimo cristal transparente multifacetado em forma de roseta, espalhando um arco-íris por todos os cantos, criando um espetáculo de luzes. Eles riram alto, cada um apontando para as cores refletidas em suas roupas. Uma experiência e tanto estar no sobrado do maior colecionador do Brasil!

Percebendo a animação dos meninos e querendo dar uma força na pesquisa deles, o Colecionador teve uma ideia brilhante. – Vou emprestar-lhes um dos meus minerais mais preciosos. O Cristal do Pensamento! Meu avô o achou numa de suas viagens às tumbas do Egito, me presenteando quando

eu era mais ou menos da idade de vocês. Ele me disse que este cristal tinha o poder de transportar para qualquer época e qualquer lugar do planeta, pois se trata de um artefato mágico! Deu certo comigo e agora quero que utilizem em sua pesquisa! Depois vocês me devolvem.

Pulando de alegria, guardaram o Cristal do Pensamento na mochila de Heleninha Cyber, prometendo tomar todo cuidado com aquela peça rara. – O cara era mesmo muito legal! – disse Lelê satisfeita com a visita.

De volta às suas casas, deitaram todos muito cedo, ansiosos para um novo dia ver chegar. Estavam malucos para usar o cristal que acabou ficando na mão de Marcelinho, que era todo certinho e não ia deixar ninguém utilizar a mágica antes do grupo estar junto outra vez. Assim, todos poderiam dormir em paz.